



Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)

ISSN: 1984-6487

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ)

Alaman, Jônatas Stritar; Passamani, Guilherme R.

Marcas da 'brasilidade': negociações em torno de gênero, sexualidade e cor em Portugal

Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), núm. 37, e21216, 2021

Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ)

DOI: <https://doi.org/10.7440/res64.2018.03>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293369761018>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n. 37 / 2021 - e21216 / Alaman, J. & Passamani, G. / www.sexualidadesaludysociedad.org

ARTIGO

Marcas da 'brasileiridade': negociações em torno de gênero, sexualidade e cor em Portugal

Jônatas Stritar Alaman¹

jonatasalaman5@gmail.com

ORCID: 0000-0001-7921-1115

Guilherme R. Passamani^{2,3}

guilherme.passamani@ufms.br

ORCID: 0000-0001-5019-0832

¹Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, Brasil

³Instituto Universitário de Lisboa
Lisboa, Portugal

Resumo: O presente trabalho tem como fio condutor as experiências de homens brasileiros que migraram para Portugal para exercerem o trabalho sexual como *escorts*. Para tanto, a partir de entrevistas e observações online, serão formuladas reflexões acerca de suas interações com clientes europeus, as características do mercado sexual no qual se inseriram, bem como as negociações subjacentes à prática prostitucional. As conclusões mostram como ocorre a marcação da diferença nesses contextos, referente a cor, gênero e sexualidade. Demonstramos que, mesmo em contextos assimétricos, sujeitos e identidades “subalternizadas” possuem agência e utilizam, a seu favor, marcas de seus corpos e de suas identidades em um processo contínuo e constitutivo de subjetividades.

Palavras-chave: escorts; migração; mercado sexual; agência; Portugal.

Brazilian marks: arrangements surrounding gender, sexuality and color in Portugal

Abstract: This paper has as referential thread experiences of brazilian men whose migration to Portugal was characterized by their sexual work as *escorts*. Therefore, based on interviews and online observations, assumptions about their interactions with european clients, the sexual market characteristics which they be a part of, as well as negotiations bounded by their prostitutional practices, will be elaborated. Conclusions led us to how differentiation processes, relative to color, gender and sexuality. We argue that, even in discriminatory contexts, marginalized subjects and identities possess some kind of agency and, further on, can play on these body marks and identities within a wider process, that is continuous and formative of their subjectivities.

Keywords: escorts; migration; sexual market; agency; Portugal.

Marcas brasileñas: negociaciones sobre género, sexualidad y color en Portugal

Resumen: El artículo tiene como hilo conductor las experiencias de hombres brasileños que emigraron a Portugal para dedicarse al trabajo sexual como escorts. Nosotros hicimos entrevistas, observaciones en línea y formulamos reflexiones sobre sus interacciones con los clientes europeos, para intentar comprender las características del mercado del sexo en el que se insertan, así como las negociaciones subyacentes a la práctica de la prostitución. Las conclusiones plantean cómo se da la marcación de la diferencia en estos contextos em términos de color, género y sexualidad. Demostramos que, incluso en contextos asimétricos, los sujetos e identidades “subalternizados” tienen agencia y utilizan, a su favor, las marcas de sus cuerpos e identidades en un proceso continuo y constitutivo de subjetividades.

Palabras clave: escorts; migración; trabajo sexual; agencia; Portugal.

Marcas da 'brasilidade': negociações em torno de gênero, sexualidade e cor em Portugal

Introdução

Os fenômenos migratórios podem apresentar diferentes características no que diz respeito às motivações, aos trânsitos, às configurações pessoal-familiares no decorrer do processo e, principalmente, às interações entre os sujeitos que migram e àqueles “nativos” de determinado contexto. No caso desta pesquisa, as indagações iniciais têm como foco as movimentações realizadas por *escorts*¹ brasileiros que migram para Portugal em contexto de trabalho sexual². O ponto de partida foi o site viphomes.net,³ em que, a partir das primeiras observações, era nítida a proeminência de homens cis brasileiros⁴ se anunciando.

Essa presença assídua de brasileiros nos anúncios de um site de classificados online em um país europeu levantava questionamentos sobre os possíveis motivos de escolha daquele país, como também o porquê da demanda intensa por homens brasileiros. Uma espécie de rota migratória Brasil-Portugal, no âmbito do trabalho sexual, se apresentava como problema inicial a ser tratado pela pesquisa no âmbito das economias sexuais na Europa. Economias sexuais e mercados do sexo são conceitos muito recorrentes para pensar os intercâmbios sexuais e econômicos. Considera-se que as diferenças entre estes conceitos se referem às demarcações que cada um pretende alcançar ao abordar um fenômeno complexo e variado como o

¹ *Escort* é termo êmico para se distinguir positivamente de outras definições como *garotos de programa* ou *prostitutos*. Trata-se de um termo inglês que, em tradução livre, significa acompanhante. Ao longo do texto, as categorias êmicas e/ou estrangeirismos estarão em itálico. Categorias analíticas estarão entre aspas quando quisermos atribuir a elas um sentido conotativo.

² Para aprofundar o debate sobre a noção de trabalho sexual, ver Oliveira (2004), Chapkis (1997) e Weitzer (2000). Ao longo do texto, quando falarmos de forma mais abrangente, usaremos trabalho sexual. Quando falarmos da atividade específica de nossos interlocutores, usaremos prostituição, pois ela se enquadra como um ramo do trabalho sexual.

³ Disponível em: <<http://viphomes.net>> Acesso em: 03 out. 2020.

⁴ No decorrer do artigo, sempre que falarmos em trabalho sexual de homens brasileiros em Portugal, estaremos falando de homens cisgêneros. Além desse ser o foco da nossa pesquisa, não percebemos a presença, no site investigado, de homens transexuais brasileiros ou de outra nacionalidade. Além disso, de maneira geral, a maior parte da clientela desses homens é constituída por outros homens. Ainda assim, muitas vezes, uma identidade homossexual não é reivindicada por quaisquer das partes envolvidas nessa relação erótico-sexual.

trabalho sexual (Piscitelli, 2016). Para Adriana Piscitelli (2016), no Brasil, a expressão “mercados do sexo” está associada a uma espécie de jogo entre oferta e demanda de sexo e sensualidade. Assim, mercados do sexo:

(...) remete ao vasto terreno dos intercâmbios materiais e simbólicos mediante os quais se organiza o social. Essa ideia alargada de mercado contribui para considerar que os mercados do sexo envolvem não apenas intercâmbios caracterizados como “comércio”, mas também outras trocas que não são assim concebidas e podem até ser pensadas como dádivas (Piscitelli: 2016, 4).

Há que se ter claro que no Brasil ainda prevalece um caráter mais artesanal da prostituição e sua associação a uma espécie de indústria sexual ainda é recente e restrita a algumas regiões mais metropolitanas e/ou turísticas do país, bem como a oferta e demanda de sexo e sensualidade adquirem caracteres tão variados no país que não são percebidos como prostituição ou trabalho sexual. Essas trocas sexuais e os bens recebidos, muitas vezes, são percebidos como “ajuda” (Fonseca, 1996; Piscitelli, 2011; Passamani, 2017, 2018). Já as economias sexuais buscam situar os intercâmbios sexuais e econômicos em uma dimensão mais alargada de relações sociais. Ainda que autoras como Elizabeth Bernstein (2014) as percebam de forma mais literal, como a troca de sexo por dinheiro para viabilizar projetos outros, a tônica não tem sido essa na concepção e utilização desse conceito. O que tem sido mais recorrente é compreender as economias sexuais como um universo vasto de intercâmbios sexuais e econômicos que incluiria, inclusive, o casamento (Cabezas, 2009; Cole, 2014; Simmel, 2001).

Aliás, ao pensar a inclusão do casamento no âmbito dos projetos que envolvem as economias sexuais, Amalia Cabezas (2009) fala em “sexo tático”, ou seja, destaca uma dimensão emocional presente nos intercâmbios sexuais e econômicos. O sexo tático seria a materialização de arranjos contingentes e temporários que envolveriam o prazer, o companheirismo e a amizade. Logo, as economias sexuais seriam parte de “economias cotidianas”, ou seja, o que Jennifer Cole e Lynn Thomas (2009, 2014) e Susana Narotsky e Niko Besnier (2014) percebem como ações necessárias empreendidas pelos sujeitos para viver o dia a dia de uma forma melhor e mais aprazível.

Assim, seja no âmbito dos mercados do sexo ou das economias sexuais, em Portugal, o trabalho sexual realizado por homens, sejam eles cis ou trans, foi pouco investigado até então. Ele, quase sempre, aparece como um apêndice nas investigações sobre o trabalho sexual de mulheres cis e trans. Uma das poucas investigações em que os homens (cis) aparecem de forma menos lateral, é a de Alexandra Oliveira (2013) sobre a “prostituição de apartamento” (*indoor*), ou seja,

aquela que não ocorre em clubes ou outros locais comerciais. Essa modalidade ocorre nas casas em que, muitas vezes, as pessoas moram e trabalham. A pesquisa de Oliveira foi realizada na cidade de Lisboa e sua interlocução, em torno de 65%, foi com mulheres cis e trans e 35% com homens cis. Ainda, há de se destacar a recente pesquisa de Mariana Rosa Pinto Pereira Melo (2015) sobre o trabalho sexual *indoor* de homens cis com clientes homens, também cis, na cidade do Porto e sua região metropolitana. E, por fim, a pesquisa de Henrique Pereira (2008), sobre o trabalho sexual de homens cis em Portugal pela internet. Como se vê, até o momento, há uma invisibilidade no que diz respeito a pesquisas sobre o trabalho sexual de homens trans em Portugal.

Do ponto de vista das questões que envolvem o trabalho sexual de maneira geral, a pesquisa de Francisco Inácio dos Santos Cruz (1841) é considerada a primeira sobre prostituição em Portugal. Ela discutia, basicamente, a propagação da sífilis entre as trabalhadoras sexuais da época. O olhar era bastante negativo e moralizante em relação à prostituição. De lá para cá, muito se avançou. Talvez, seja possível dizer que as ciências humanas foram aquelas que mais se interessaram por este campo. Destacam-se, assim, os trabalhos de Isabel do Carmo e Fernanda Frágua (1982) sobre trabalhadoras sexuais no sistema penitenciário na cidade do Porto; Alexandra Oliveira sobre trabalho sexual feminino na cidade do Porto, seja ele praticado na rua, em apartamentos, casas de alterne ou bordéis (Manita e Oliveira, 2002; 2004; 2011). O livro *Vidas na Raia: prostituição feminina nas regiões de fronteira* (2008), de Manuela Ribeiro *et. al.*, é outra referência relevante do campo, pois produz reflexão sobre o trabalho sexual feminino nas zonas fronteiriças do Norte de Portugal, nas regiões do Minho, Trás-os-Montes e Beira Interior. Na região de Lisboa, temos as investigações de Bernardo Coelho (2009, 2019) sobre mulheres acompanhantes, consideradas de luxo, e cujo trabalho ocorria em apartamentos privados.

Há um crescente interesse acadêmico sobre mulheres trans e pessoas travestis, conforme vemos nas pesquisas de Fernanda Belizário (2018) sobre travestis brasileiras no sul da Europa; em Nelson Ramalho (2019) também sobre travestis, focando no processo de “virar travesti”; Francisco Luís (2015) sobre identidades e ambiguidades de travestis brasileiras em Portugal; e Emerson Pessoa (2020) sobre biografias corporais de trabalhadoras do sexo trans e travestis em Lisboa. Um outro campo que também cresce é o que investiga o tráfico de pessoas para fim de exploração sexual em Portugal. Entre outros autores, temos Octávio Sacramento (2016), Mara Clemente (2017), Filipa Alvim (2013).

Nossa pesquisa é uma primeira tentativa de aproximação com esse campo ainda a ser explorado na expectativa de começar a produzir uma reflexão sobre um segmento das economias sexuais que, como veremos, tem crescido e onde os

brasileiros parecem ser os sujeitos mais hegemônicos. No contexto europeu existem diferentes pesquisas referentes ao trabalho sexual exercido por homens. Por vezes focadas na sociabilidade e deslocamentos de jovens rapazes pelo continente (Ellison, Weitzer, 2018; Mai, 2014; Mai, Russel, 2009), ou nas especificidades da prostituição de rua, também na Europa, (Ellison, Weitzer, 2017; Kaye, 2007). Os estudos, em termos gerais, procuram lançar luz sobre o fenômeno da prostituição em suas configurações socioculturais (Mårdh, Genç, 1995) ou em processos subjetivos destes sujeitos (Earls, David, 1989).

Nessa pesquisa, a análise do site e as entrevistas *online* se tornaram opção viável, visto a impossibilidade de deslocamento dos pesquisadores ao campo *offline* de estudos. A pesquisa foi realizada desde o Brasil entre 2019 e 2020. Foi feito um mapeamento mensal, durante o segundo semestre de 2019, dos anunciantes brasileiros no referido site, nas cidades portuguesas em que há a possibilidade de anunciar-se. Mapeava-se a presença de anunciantes brasileiros no primeiro e no último dia do mês, na expectativa de perceber alguma movimentação dos sujeitos.

Nossa intenção era conversar com o maior número de pessoas possível, em vista disso, todos os anunciantes brasileiros foram contatados. O contato se deu pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, uma vez que havia a divulgação pública do telefone dos rapazes. Desde um primeiro momento, havia a revelação de tratar-se de uma pesquisa sobre trabalho sexual exercido por homens brasileiros em Portugal. Dizíamos que a pesquisa era conduzida desde o Brasil e as informações a cerca do projeto eram compartilhadas. Isso fez com que houvesse um interesse reduzido de participação. Nesse sentido, não fomos nós, como pesquisadores, que escolhemos os nossos interlocutores, mas eles que acabaram escolhendo participar ou não da pesquisa.

De um total de 63 homens contatados, conseguimos travar uma interlocução mais frequente com 9 deles. Com esses, além de conversas pelo aplicativo de mensagens e por vídeo-chamadas, também realizamos entrevistas gravadas pela plataforma *Google Meet*. O ponto inicial de todas as conversas eram os anúncios e, a partir deles, destacávamos alguns temas que desenvolveremos a seguir. O formato de pesquisa que desenvolvemos foi aquele possível no contexto que atravessávamos no período. Além do reduzido financiamento, em vista de uma política federal de redução de recursos para pesquisa no Brasil, nos primeiros meses de 2020, teve início uma série de restrições em função da pandemia de Covid-19, o que aprofundou a impossibilidade de viajar até Portugal. Portanto, do ponto de vista metodológico, o nosso campo foi *online*, aqui sendo considerado interdependente e como uma extensão do *offline* (Parreiras, 2011; Novel, 2010).

Os trabalhos de Carolina Parreiras (2011), por exemplo, nos mostram que o maior uso da internet e o seu ganho de importância na vida das pessoas, via so-

ciabilidades a partir das mídias digitais, exigiu algumas readequações da pesquisa etnográfica. Esse processo desencadearia o que alguns autores chamam de “netnografia”, que “nasce em função da necessidade da academia de abordar um ‘novo’ espaço, o virtual, o *online*” (Noveli, 2010: 109). Percebemos que o nosso trabalho é parte de uma leva de pesquisas etnográficas adaptadas às particularidades das sociabilidades mediadas por computadores (Kozinetz, 2014).

Esse tipo de abordagem também é chamado de “etnografia virtual”. Netnografia e etnografia virtual se diferenciam em função dos campos disciplinares. O Marketing e a Administração utilizam mais o termo netnografia, enquanto a Antropologia e as Ciências Sociais em geral, têm usado mais etnografia virtual (Amaral, Natal, Viana, 2008: 34). Para Gibran Braga, “a internet não forma um espaço autônomo, que existe em paralelo aos espaços físicos; a distinção *online/offline* é circunstancial e precária, pois “real” e “virtual” estão constantemente articulados. A rede é parte do mundo, e não um “mundo à parte” (2015: 228). Assim, não percebemos duas dimensões distintas: real e virtual. Mas sim, que há uma continuidade entre elas, melhor demarcada pelas noções de *online* e *offline*. Portanto, um termo corrente entre pesquisadores das Ciências Sociais (especialmente brasileira), seria “etnografia *online*”.⁵

Dito isso, nosso artigo está dividido em duas seções. Primeiramente, abordaremos algumas questões do trabalho sexual de homens brasileiros em Portugal a partir dos processos migratórios, bem como uma introdução ao campo aqui analisado e suas particularidades. Em um segundo momento, nos debruçaremos, mais detidamente, sobre as aproximações com alguns interlocutores para refletirmos e analisarmos as negociações referentes às performances de gênero, sexualidade e cor/raça empreendidas no trabalho sexual em contexto transnacional.

Trabalho sexual de homens e processos migratórios

O trabalho sexual realizado por homens ainda é um campo em expansão no que diz respeito às produções acadêmicas. Ainda há muito por saber (Lopes, Pas-

⁵ Carmen Rial (2004) destaca a ideia de “etnografia de tela”, que, segundo ela, “é uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo (no caso, em frente à televisão), a observação sistemática e o seu registro metódico em caderno de campo, etc” (p. 30-31). Nossas primeiras incursões ao campo poderiam ser percebidas como etnografias de tela, em que o terreno analisado eram as páginas dos *escorts*, sem ainda uma interação com eles, o que aconteceu fora do referido site, pelo aplicativo de mensagem e depois pela plataforma de videoconferência.

samani, Rosa; 2019). O trabalho basilar sobre esse campo, no Brasil, é de Néstor Perlongher, *O negócio do michê* (1987), e se disseminou na literatura acadêmica. Ele foi pioneiro ao trabalhar a sociabilidade noturna de garotos de programa na metrópole paulista, chamada por ele de “prostituição viril”. Perlongher desenvolveu análises sobre as lógicas territoriais da prostituição em São Paulo, destacando categorias classificatórias contextuais, que criam sujeitos ligados aos territórios que habitam nos contatos com os clientes pelas ruas, banheiros e praças públicas. Encontramos, em sua investigação, uma economia do desejo que embaralha o campo social e produz territorializações e desterritorializações de sujeitos neste cenário, questionando identidades fixas e produzindo diferenças.

Atualmente, a introdução de novos meios de comunicação contribui para operar um deslocamento no trabalho sexual realizado por homens. O ganho de espaço dos locais privados como saunas, clubes e bares frente os espaços públicos, como as ruas, não é um movimento novo e não começou com os emergentes sites e aplicativos de encontro que têm como finalidade facilitar as parcerias afetivo-sexuais entre homens⁶. Tal deslocamento, no mercado sexual, tem sido operado a partir de uma lógica do próprio mercado sexual na tentativa de acessar uma clientela que era receosa em relação à rua, percebida como perigosa, violenta e, até, “poluída”. As diferentes modalidades de espaços privados produziriam, assim, uma noção de maior controle sobre a relação a ser empreendida. Controle esse não apenas para clientes, mas para as próprias pessoas que exercem o trabalho sexual. Percebemos que a modalidade de prostituição “pública” tem perdido centralidade face a um processo que pode ser caracterizado como de “higienização”, em que um tipo mais “moderno-contemporâneo” de trabalho sexual busca estar alinhado às noções mais recorrentes de saúde, limpeza e segurança.

O avanço dos usos de smartphones pode estar associado a uma autonomia no trabalho sexual dos homens com os quais dialogamos, pois eles não estariam mais submetidos a um “agente externo”, que intermediaria o negócio do trabalho sexual, nem precisariam cumprir alguma jornada de trabalho em determinado estabelecimento. Segundo nos disseram alguns interlocutores da pesquisa, eles *faziam seus próprios horários e eram seus próprios patrões*. Além disso, em vista dos códigos dessa modalidade de trabalho sexual, é possível obter mais informações, ainda que de forma parcial, sobre o cliente. Por sua vez, o cliente teria mais “segurança”, pois os sites em que os *escorts* são cadastrados têm o registro de cada um deles, portanto, o *escort* não seria um completo estranho. Em situações

⁶ Contudo, o trabalho sexual ainda é realizado no contexto da rua (Passamani, Rosa, Lopes, 2020; Santos, Pereira, 2016).

muito excepcionais, caso houvesse problemas no negócio, seria possível rastrear as partes envolvidas.⁷

Esta transformação não somente diz respeito a como, ou onde, se efetuam as conversas e marcações de encontro, mas também a toda uma reorganização dos métodos de contato, das simbologias que ganham sentido nestes espaços, bem como geram o que Richard Miskolci (2014) descreveu como um regime de visibilidade que se configura a partir desses aplicativos⁸.

Por outro lado, também é importante destacar a conexão entre migração e trabalho sexual. Ela pode guardar algumas possibilidades de escolha para estes sujeitos, levantando indagações sobre as habilidades de se deslocar em cenários de desigualdade e de reorientar, momentaneamente, a ordem das relações de poder vigentes. Neste ponto, o olhar para contextos em que ocorrem processos de diferenciação e, por vezes, produções de desigualdades, deve ser sensível aos diferentes tipos de manipulação e controle que estes sujeitos, ora subalternizados, têm sobre suas determinadas realidades (Piscitelli, 2008; 2013). Há uma série de concepções que associa os sujeitos do ainda chamado “terceiro mundo” como passivos, carentes e sem poder de ação. Na dinâmica destas relações, entre indivíduos do “Sul” e “Norte” global, a busca não se limita a um tipo de jogo de soma zero, mas sim às diversas negociações existentes em contextos em que a marcação da diferença é evidente, e onde pode haver possibilidades de ascensão social (Moutinho, 2006).

Pensada inicialmente pelos *black feminisms* e cunhada por Kimberlé Crenshaw (2002), a interseccionalidade surgiu como apporte necessário para se entender as múltiplas configurações que posicionavam mulheres negras em situações de desigualdade em diferentes contextos. A partir desta ferramenta, foi possível explorar eixos de subordinação como gênero, cor/raça, sexualidade, por exemplo, que condicionariam realidades e experiências de mulheres negras⁹. Entre a intelectualidade negra brasileira que se debruçou sobre as relações raciais no Brasil, Lélia Gonzalez se destaca por incorporar, em suas análises e críticas epistemológicas, a articulação de sistemas de opressão engendrados, especialmente, no contexto latino-americano (Gonzalez, 2011; Oliveira, 2020).

⁷ Nessa pesquisa, não se destacaram conflitos com clientes, como foi analisado por Adriana Piscitelli (2009). Isso se deve tanto por questões de recorte e foco da pesquisa, quanto porque não conseguimos evidenciar a sua existência significativa no campo.

⁸ O trabalho de Richard Miskolci (2014) discute as diferentes maneiras de negociar a sexualidade de homens publicamente heterossexuais, mas que mantinham relações sexuais com outros homens *em segredo*.

⁹ Sobre marcadores sociais da diferença ou categorias de articulação, como também as disputas em torno do termo, ver Gabriela Kyrillos (2020).

As articulações entre gênero, cor/raça, sexualidade, nacionalidade são acionadas para compreender melhor um mundo cada vez mais globalizado (Bastia, 2014; 2011; Chow, 2011; Bürkner, 2011). Neste ínterim, é plausível considerar que “indivíduos de sociedades que experienciaram estágios específicos de poder e (des)igualdades têm sido posicionados em pontos interseccionais particulares” (Thimm, Chaudhuri, 2019: 7). A produção de diferenças (Brah, 2006) pode ser observada em experiências de pessoas onde é possível demarcar articulações que particularizam a realidade destes sujeitos (Pelúcio, 2011a). Aqui, as articulações resultam, no fim do processo de diferenciação, na subjetivação e constituição destes sujeitos enquanto *diferentes*, a partir de categorias como gênero, cor/raça, nacionalidade e sexualidade.

A dinâmica das relações entre brasileiros e portugueses mantém relação com o passado colonial. Para Igor Machado (2008), as interações entre portugueses e brasileiros eram configuradas por processos de exotização, em que a compreensão de estereótipos os caracterizava enquanto *alegres* e, por processos de subordinação ativa, os próprios brasileiros reproduziam certas características esperadas pelos portugueses. Nesta dinâmica, o lugar subalterno ocupado pelos brasileiros era constituído pelo imaginário português que os posicionava em certas categorias, consoantes, acriticamente, com certos estereótipos para obter algum lugar de prestígio, em especial, no mercado de trabalho.

Sendo as interações matizadas por noções portuguesas/europeias sobre gênero e sexualidade, que localizam os homens aqui estudados em posição ambígua de recusa e desejo, é possível desenarmos uma análise que possa apresentar algumas particularidades do fenômeno da transnacionalização dos mercados do sexo. Nas rotas migratórias, ou nos estudos sobre o turismo sexual, é comum observarmos uma feminização dos deslocamentos, quando se trata de Europa como destino (Silva, Blanchette, 2005) ou de viagens de homens brancos europeus a países do sul, que engatam relações amorosas ou sexuais com as “nativas” (Agustín, 2005; Piscitelli, 2011; Kempadoo, 2000). No primeiro caso, a vontade de mudar de país, a curiosidade por outras culturas, a possibilidade de casar com europeus e a ascensão social possibilitada por esses casamentos, são fortes fatores que são compartilhados por mulheres que se envolvem com a prostituição no âmbito do trabalho sexual. No segundo caso, a procura pela “autenticidade” (Piscitelli, 2002) do sexo e a busca pelo suposto “apetite sexual” das “nativas” direciona as viagens de turistas europeus a outras localidades, como Brasil ou sul da Ásia.

As experiências dos brasileiros de nossa pesquisa destacam a inserção no trabalho sexual, na modalidade da prostituição, a partir da *necessidade*. Este *precisar* se prostituir não afirma potencialmente uma não escolha frente às dificuldades enfrentadas, principalmente em casa. A adaptação ao contexto em que estavam in-

seridos, com um ambiente familiar violento, por exemplo, esboçaram novas possibilidades destes sujeitos em um cenário em que o trabalho sexual se tornou possível.

A partir de afirmações, não só dos interlocutores, mas também de outros homens contatados para esta pesquisa, Portugal é destino privilegiado, principalmente, por ser lusófono. A proximidade das línguas é um sinal positivo para aqueles que não sabem outros idiomas e mantêm certo receio com o contato com nacionalidades “distantes” da brasileira. Além de Portugal estar em uma rota mais abrangente (Togni, 2011), ou seja, não só daqueles que visam se prostituir. Segundo Igor Machado (2004), por exemplo, o fenômeno migratório de brasileiros para Portugal foi impulsionado, desde a década de 1980, pelo “sucessivo empobrecimento do país”, onde Portugal, “por sua vez, torna-se lentamente um país de imigração desde sua inserção na União Europeia” (Machado, 2004: 121). Nesta esteira, na virada do milênio, os processos migratórios se caracterizam por uma “proletarização” (Machado, 2014: 230) dos migrantes recém-chegados ao país, ocupando-se de atividades ‘tradicionalis’: hotelaria, serviços de limpeza, restaurantes, etc. Após a derrocada da economia portuguesa e a queda da imigração brasileira durante os primeiros anos da década de 2010, Portugal agora se encontra em um outro processo migratório em que brasileiros procuram seu lugar no mercado de trabalho português, além de uma intensificação da mobilidade estudantil (França, Padilla, 2018).

No que diz respeito ao nosso campo mais específico, os sites se apresentaram como elementos centrais para uma trajetória de suposto sucesso para os trabalhadores sexuais brasileiros. O portal viphomens.net não é o único, mas se localiza dentro de um mercado diverso que procura viabilizar encontros entre *escorts* e clientes. Quando alguns desses homens iniciaram o processo migratório e começaram a delinear o trabalho sexual como horizonte, os sites foram instrumentos acionados por eles. Dentro de uma lógica global de viagens e encontros, os sites podem ser estabelecidos como sustento para esses homens ao transpor barreiras internacionais.

Esta modalidade do trabalho sexual exercido por homens, que usufrui dos meios de comunicação para acesso a clientes, apresenta peculiaridades interessantes de serem analisadas. O tamanho do pênis, a musculatura e algumas posições dos *escorts* nas fotos ajudam a comunicar algo deste mercado. A corporalidade é evidentemente bem enunciada, como exemplo do pênis e dos músculos, havendo a exacerbação de certo tipo de masculinidade viril. Esta masculinidade abordada em campo, que pode limitar posições sexuais, se diferencia de outros tipos constituidos contextualmente (Connel, Messerschmidt, 2013; Kimmel, 1998) e, o mais importante, condiciona um jogo entre o corpo e a performance que informa o tipo de demanda existente nesse mercado.

O corpo viril, músculo e ativo sexualmente tenciona o desejo por um tipo de performance que pode informar o gênero a partir da posição sexual.¹⁰ Neste contexto, os músculos denunciam não somente um corpo saudável, como formulado por Miskolci (2014), mas também o apresenta como uma base material corporificada do *Homem*. No caso da pornografia gay, por exemplo, é comum encontrarmos “situações de simulação de hipermasculinidade”, onde as posições podem conjuntamente reforçar e ironizar “os lugares tradicionais do masculino: policiais, trabalhadores braçais urbanos, *dudes*, *thugs*, *cholos* e *hustlers* dos guetos norte-americanos, homens da favela brasileiros, e assim por diante” (Pinho, 2012: 168).

Fotos bastante elaboradas, realizadas por fotógrafos profissionais, em cenários cuidadosamente elaborados, gerando imagens de alta qualidade, podem vir a ser um diferencial nessa modalidade de trabalho sexual exercido por homens.¹¹ O medo da enganação faz parte do negócio. A representação do homem viril é vista como capaz de angariar mais clientes, mas também, sempre há certo receio em ser enganado. Neste jogo de palavras, imagens e sedução, os sites têm papel fundamental e a reputação de um *escort* pode muito bem depender de como ele se vende e realiza o seu trabalho. A alteração das fotos e a correspondência a certo imaginário, que os desenham como fortes, viris, ativos e que os marcam como *morenos*, *mulatos* ou *latinos* conformam, precisamente, estes anúncios. A intensificação de certas marcas, como a cor por exemplo, no portal viphomens.net, é consoante a determinadas expectativas e aponta para aspectos das economias sexuais na Europa muito marcadas, como mostramos, a partir de uma exotização e sexualização desses corpos.

Gênero, sexualidade e cor/raça: entre expectativas e negociações

As noções de gênero articuladas com as de cor/raça e sexualidade, conduzem a uma análise que destaca a produção do *escort* brasileiro moreno, mulato, viril e sexualmente ativo nesse negócio. É sintomática a posição destes brasileiros no site

¹⁰ A masculinidade destacada no contexto aqui analisado está intrinsecamente conectada com uma ideia de cisgeneridez, uma vez que as noções que circundam as práticas sexuais de tais sujeitos são altamente marcadas por uma correlação entre a corporalidade e sua consequente inteligibilidade em tal mercado.

¹¹ O preço pode ser elevado com estas sessões e os anúncios também podem apresentar alto custo. No site viphomens.net, por exemplo, temos uma variação nos pacotes contratados. A posição dos *escorts* na dinâmica do site varia de acordo com o pacote que eles contratam, com validade de um mês, que são: pacote de bronze, prata, ouro e slide-show. Respectivamente: 25€, 50€, 75€ e 100€.

viphomens.net, com sua predominância contínua entre os anúncios, como também nas próprias autodefinições de nossos interlocutores quando questionados sobre estas categorias.

Joane Nagel (2000: 113) afirma que as “fronteiras étnicas são também fronteiras sexuais, intersecções erotizadas onde indivíduos mantêm relações íntimas através das fronteiras étnicas, raciais ou nacionais” (tradução nossa). As *fronteiras etnosexuais*, então, demonstram os tensionamentos existentes entre sujeitos que pertencem a grupos distintos, mas que, independentemente, continuam engendrando relações entre si.

Os reforços dos limites étnicos se dão através da essencialização das diferenças em termos de comportamento sexual explicando-as a partir de distintas nacionalidades, raças ou grupos. Há uma produção discursiva que visa representar este Outro (Said, 1996) lascivo, promíscuo e pronto para o sexo. Em contraponto à produção da “nossa” identidade sexual frente àquela desregrada, encontramos tipos de sujeitos que estão submetidos, entretanto não passivos por completo, a esses imaginários.

Com o controle e policiamento das interações erótico-sexuais entre sujeitos marcados socialmente como diferentes, tem-se uma arena de disputa e tentativa de controle de certas noções referentes à sexualidade dos brasileiros. Aqui, as tensões são múltiplas e são informadas por noções que sexualizam e exotizam (Machado, 2004, 2008; Rago, 2008) homens brasileiros, como também definem a posição do cliente europeu nestes contatos.

Ulrike Schaper, Magdalena Beljan, Pascal Eitler e Christopher Ewing (2018), de maneira muito assertiva, nomeiam esse processo de *sexotic*. Esse conceito é bem apropriado para analisarmos o nosso campo. Segundo os autores, *sexotic* seria a intersecção entre processos de sexualização e exotização de um Outro diferente de nós. Há um imaginário que constitui ambientes exóticos como permissivos a experiências fora do comum, que provocariam sensações intensificadas no campo do prazer, por exemplo. Exotização e sexualização parecem terrenos férteis em contextos marcados pela desigualdade econômica e política e constituiriam territórios desconhecidos, de alteridade e de excesso em um suposto “imaginário ocidental”. Segundo esses autores, a exotização, em termos sexuais, vale-se da compreensão de supostas diferenças no impulso sexual, atitudes em relação à sexualidade, comportamentos sexuais como determinantes do todo do ser daqueles sujeitos. Por outro lado, a sexualização incrementa o exótico em termos de ser sexualmente atraente, desejável, estimulante. Assim, cria-se o fetiche por determinada cor da pele, por pessoas de determinados contextos geográficos etc.

Talvez por isso, a ideia de *sexotic* seja potente em nosso campo de análise, pois há uma dimensão relacional nessa categoria. Ela é polivalente em termos de

lugares, pessoas, objetos e práticas ao constituí-los como fascinantes e desejáveis. E, claro, o *sexotic* está no olhar do observador e é instituído a partir de diferentes marcadores sociais que façam sentido no contexto determinado da relação. Ao mesmo tempo – e isso se aplica muito a como os homens brasileiros envolvidos com o trabalho sexual em Portugal são vistos – não escapam de serem marcados como diferentes e, muitas vezes, ameaçadores.

Mesmo assim, esses outros “sexóticos”, como veremos a seguir, tensionam os processos de “sexotização”. Eles acabam por se apropriar das imagens que foram projetadas sobre si e usam isso estrategicamente como forma de sedução. Assim, as diferenças, hierarquias, e eventuais desigualdades, não desaparecem, mas são agenciadas estrategicamente. Nos anúncios no portal *viphomens.net*, por exemplo, os homens que ali se anunciam tensionam as expectativas dos potenciais clientes reafirmando a nacionalidade e as potências e malícias sexuais que a eles estão associadas. Há um jogo de representação na ordem dos discursos, em que os *escorts* participam ativa e estrategicamente. Ser ativo, sexualmente falando, por exemplo, é algo muito valorizado, como veremos. Mas há outros agenciamentos igualmente potentes. Para ilustrar isso, contamos o caso do anúncio de Alex, 28 anos. Nas fotos que ele publica no site, ele aparece em relações sexuais com uma mulher. Quando perguntado sobre isso, diz que desta forma os clientes teriam certeza de que estariam contratando *um super ativo na relação*. Em campo, a partir do site e de algumas conversas, saltava aos olhos a garantia de um sexo *selvagem*, com atores que poderiam ser *dominadores* em cena, “superativos”, tal como o reivindicado por Alex.

Pedro Baiano¹², 33 anos, e Guilherme, 26 anos, adotam outras estratégias. Eles constroem outras personagens para se anunciar em sites específicos, que desistem completamente do que nos contara Alex. Pedro Baiano e Guilherme, além de publicações como homens também mantêm outros perfis como “travestis”¹³.

Eu amo minha barba, eu gosto de ter barba, de ter pelo no peito, de ter pelo na barriga. Cheguei na Europa e eu era novidade. Trabalhei só como homem. Só que aí passava um mês na cidade e parava de ganhar. Já não era mais novidade. Aí conversei com uma amiga minha de São Paulo, tra-

¹² Pedro Baiano é o único, entre nossos interlocutores, que anuncia em seu nome um gentílico. Não foi nossa opção dar esta ênfase específica a ele. No entanto, talvez, ele tenha tido esta intenção ao anunciar-se assim.

¹³ No caso de anúncios de pessoas trans e travestis, há portais específicos de divulgação. Para um aprofundamento do trabalho sexual de pessoas trans e travestis no contexto português, a partir de espaços online, ver Nelson Ramalho e Alexandre Vaz (2016), entre outros.

vesti, toda feita, e ela disse: amigo, na Europa você só vai ganhar muito dinheiro se você botar uma peruca. Aí peguei e falei: vou perder cliente como Pedro Baiano. Ela disse: gatinho, tu vai viver miserável na Europa. Aí foi onde nasceu a Gabi. Gabi Baiana (Pedro Baiano).

Lá em Londres boto peruca também pra trabalhar. Me travisto também. Faço tudo, como todos lá também fazem. A maioria dos escorts de Londres, querendo ou não, coloca peruca também. É só ir lá e vai ver um monte bombadão de peruca e batom. Boto peruca mesmo, fico doido atrás de dinheiro (Guilherme).

As falas dos interlocutores nos levam a uma reflexão importante a respeito de ser/estar travesti. Travesti, enquanto identidade, é uma realidade muito comum no contexto latino-americano¹⁴. No contexto ibérico/europeu, onde a pesquisa foi desenvolvida, a compreensão de travesti está menos associada a uma identidade e mais a uma condição de espaço e tempo. Mario Carvalho (2011) chama de “ter um travesti” ou “estar em travesti” essa performance, muito comum na década de 1960, no Rio de Janeiro, que dizia respeito a “montagens momentâneas” realizadas por homens que não reivindicavam uma categoria identitária como travesti e nem se referia (necessariamente) ao trabalho sexual. Portanto, aproxima-se mais de uma linguagem performática do que a um trânsito em termos de identidade de gênero.

É nesse sentido que as práticas dos interlocutores de se montarem como travestis para o trabalho sexual são bastante diferentes de ser uma travesti do ponto de vista identitário. No caso em análise, eles “estariam em travesti”, ou seja, construiriam uma performance momentânea com uma determinada finalidade.¹⁵ O que acontece, e que acreditamos estar tomando forma nestas relações, são negociações performáticas de gênero e sexualidade desses brasileiros para se adequar às oportunidades do mercado e às expectativas dos clientes europeus. As performances consistem em alterações (quase sempre precárias e artesanais) externas e prostéticas, como diria Preciado (2019b), pois perucas, saltos, peitos e bundas de borracha, maquiagem, batom, cílios postiços, vestidos, calcinhas, tudo isso pode ser colocado e retirado rapidamente a depender das demandas do mercado.

Do ponto de vista teórico, é preciso ter claro que as delimitações identitárias referentes a quem pode ser definido enquanto travesti, transexual, é porosa e diz respeito a uma gama de fatores que interferem nestas fronteiras. O senso comum,

¹⁴ Para aprofundar o debate, ver Mario Carvalho (2011); Mario Carvalho e Sérgio Carrara (2013).

¹⁵ Sobre esta questão de ser/estar, um clássico nos estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil, referindo-se à homossexualidade, é o trabalho de Maria Luiza Heilborn (1996). Ainda que analise outro contexto e outros sujeitos, as questões propostas pela autora ajudam a perceber um pouco alguns dilemas próximos.

autoidentificação, orientação política (Carvalho, 2018), o contexto em que se está inserido (Duque, 2019), tratamentos hormonais, cirurgias, e diversas outras influências, têm papel importante nos momentos em que certos sujeitos se classificam, ou são classificados, em detrimento de alguma identidade específica. Reiteramos, em nosso campo, quando os nossos interlocutores estão se referindo à travesti, eles falam de uma performance que “cria” temporariamente um sujeito, mas não se compreendem como tais.

Entendemos, assim, que o uso de próteses para *passar por* (Duque, 2016) travesti é agenciado por estes homens para angariar mais clientes e, assim, elevar seus ganhos financeiros. O ato de *crossdressing* (Vencato, 2003), ou seja, se vestir com roupas associadas ao gênero considerado oposto, é imbuído de diferentes significados que partem não só dos *escorts*, mas também dos clientes e dos sites em que eles se anunciam. Anunciar-se enquanto travesti, em portais específicos para tais, denuncia um jogo performático entre categorias que, em determinado contexto, tensionam um desejo dissidente.

Nesta construção corporal, os limites que antes estabeleciam uma linha rígida entre quem pode ser *escort* ou acompanhante travesti, se confundem. O mesmo sujeito pode ser “macho dominador” em um site e uma “travesti menininha” em outro. É o caso de Pedro Baiano e Guilherme, em que o controle sobre suas personagens se dá a partir do momento em que percebem que o *fetiche maior do europeu é a travesti*, como destacou Pedro Baiano. São estratégias de sedução, formas de estimular o desejo, tensões libidinais, que aguçariam a excitação do cliente de cada site específico. Já Alex, como vimos, na contramão dos dois outros interlocutores, disse que não se travestiria e nem tampouco performaria como passivo nas relações sexuais. Nem com a oferta de mais dinheiro, garantia o interlocutor. Segundo ele, isso não era preciso, pois ele era *bem resolvido nos termos de trabalho e – continua – em trabalho sou ativo e mantenho essa postura. Isso ajuda a manter meus clientes fixos*.

O gênero, materializado nestes artefatos, é fruto da intensa “comercialização e produção de identidades sexuais” (Preciado, 2019a: 509). Ele está inserido na lógica comercial a partir de um “mecanismo de produção sexo-prostético que confere aos gêneros feminino e masculino seu caráter sexual-real-natural” (Preciado, 2019b: 417). Esse domínio sobre seus corpos, e performances, bem como a capacidade de se montarem como travestis, poderia promover alguma tensão entre as fronteiras identitário-sexuais nestes contextos. Com o possível alargamento do escopo de clientes, há certa adequação às expectativas e o consequente deslocamento entre categorias que poderiam desestabilizar certas convenções de gênero e sexualidade. Assim, por meio das próteses referidas acima, os interlocutores buscavam construir paródias das travestis brasileiras na expectativa de aten-

der a demanda europeia. O componente cor/raça também é um tensor libidinal para essa demanda.

Larissa Pelúcio (2011b), por exemplo, estudou o trabalho sexual de travestis brasileiras na Espanha e os processos de racialização recorrentes naquele contexto. No campo da autora, a negociação em torno das marcas de cor/raça e nacionalidade também esteve presente e tinha um papel importante nas definições que aquelas trabalhadoras sexuais faziam de si mesmas nos mercados do sexo, acionando o que Pelúcio chamou de “adjetivos etnicizados” (Idem, p. 256).

Percebemos, durante o trabalho de campo, uma habilidade dos *escorts* em se adequar a um desejo racializado de clientes europeus. A cor/raça, bem como sua associação imediata à sexualidade, é destacada por autoras que procuram entender certa racialização do desejo que concentra suas atenções, principalmente, em pessoas de países colonizados. Mara Viveros Vigoya (2008) afirma:

Podría pensarse que América Latina es una región clave para examinar la sexualización de la raza y la racialización del sexo, dada la importancia de los procesos y las ideas sobre “el mestizaje”, “ficción fundacional” del imaginario de la nación en gran parte de la región (Idem: 176 *apud* Sommer, 1991).

Esta “ficcão” gira em torno da ideia de mestiçagem e influencia o entendimento da noção de raça. No Brasil, o contato entre diferentes raças é controlado e o sexo, ou a sexualidade, são vinculados aos diferentes grupos racialmente/etnicamente marcados como diferentes. Desde os contatos entre diferentes povos no período colonial, como trabalhado por Verena Stolcke (2006), a noção de mestiço ainda interfere nas interações que tomam forma no contexto atual. Encontrando eco no passado colonial, as relações entre brasileiros e portugueses, segundo Igor Machado (2004; 2008), são informadas pelas noções de mestiçagem, que se apresentam neste estado liminar no processo de branqueamento de uma população.

No desenrolar da história da nação, a mestiçagem passa por várias tentativas teóricas que ora a constituem como o mal da nação, ora como a característica indelével de um país marcado pelo encontro “afetuoso” entre raças distintas (Conceição, 2020). O mulato, neste caminho de embranquecimento da população, é a ponte entre o passado (negro e negativo) e outro Brasil: branco, europeu e evoluído (Nascimento, 1978: 69). A mestiçagem, como marca deste Brasil, é um dos pilares que sustenta a construção dessas alteridades. A ideia da mistura conforma a identificação racial baseada nas relações afetivo-sexuais no passado escravocrata e forma a categoria “mestiço” como passível de ser atribuída a todo o brasileiro, quer seja negro ou branco (Sovik, 2009).

A fala de um interlocutor é elucidativa dessa discussão. Henrique, 21 anos, reitera: *mas eles não me consideram negro! Aqui negro tem outra definição. Negro aqui é africano. No Reino Unido, por exemplo, sou considerado latino. Aqui em Portugal, mulato. Lá fora, latino, ou brasileiro mesmo.* Neste marco, as categorias raciais se reforçam, mas também se atualizam. A ideia de mestiçagem, como visto, tem papel importante nas definições da alteridade e os próprios brasileiros tem influência ativa nessa dinâmica.

A autodefinição enquanto *mulato* tornou-se perceptível nas conversas com os interlocutores. Neste tipo ideal, a cor¹⁶, entendida aqui como a tonalidade da pele, mas também como traços “fenotípicos”, tem especial destaque. A sexualidade e o gênero também são marcadores articulados que condicionam experiências “sexóticas” agenciadas pelos interlocutores. Por exemplo, a constituição do *escort* mulato, e consequentemente sensual, é esclarecedora de como a articulação de categorias se apresenta contextualmente e como tal concepção é usada positivamente pelos brasileiros para conseguir vantagens nas economias sexuais em Portugal.

A figura da mulata, explorada por Mariza Corrêa (1996), tem em sua história, por definição de sua cor, sua associação ao sexo, em que “as tonalidades correspondiam também a atitudes, ou comportamentos, esperados de uma ‘mistura’ não só de cores como de disposições inatas, herdadas” (1996: 42). A constituição deste personagem, *mulato e miscigenado*, teria, em seus pilares principais, a sexualidade desregrada *a priori* como característica chave, algo, como vimos, central no processo de “sexotização”.

Durante o trabalho de campo, em uma conversa com Pedro Baiano, começamos a falar sobre sua personagem, Gabi. Ele diz: *eu escolhi uma peruca que fica muito bem em mim. Bem mulata.* A partir desse ponto, o assunto girou em torno do lugar da cor dos *escorts* na dinâmica das relações com os clientes. Ele afirma que *a personagem mulata vende mais que o Pedro* e que sua cor é determinante. Continua dizendo que *o mulato em si é um fetiche do mundo todo* e que *as fantasias dos meus clientes são tudo com homem preto. Somos paixões internacionais.*

Margareth Rago mostra como a exotização de pessoas de países colonizados é tingida pelo desejo, curiosidade e repulsa, pois o processo de racialização do “corpo diferente reforça a inferiorização biológica, nessa construção do olhar sobre o outro, que não deixa de ser uma valorização dos ‘civilizados’ e que das elites passa para toda a sociedade” (Rago, 2008: 5). Assim, esta *fantasia* passa por este processo de “sexotização” do corpo colonizado e conforma estas parcerias

¹⁶ Para uma análise sobre as diferenças de sistemas de classificações raciais, como a cor e a cor da pele, ver Antonio Guimarães (2011).

erótico-sexuais aqui abordadas. Guilherme, quando perguntado se já passou por situações de racismo, destaca:

A minha cor não tem nada a ver. Estou bronzeado, sou igual a você praticamente, mais escurinho só. Essa pergunta sua... porque acho que você me vê como moreno. Não sou branco, mas também não sou negro. Eles (os clientes) adoram, por isso mesmo eu tento manter o bronze assim. O bronze chama a atenção (Grifo nosso).

Com a imprecisão (Munanga, 2004) característica dos brasileiros “miscigenados”, nem pretos nem brancos (Shwarcz, 2012), a morenidade é destacada e intensificada. Além desta não identificação com a negritude, até porque “aqui negro tem outra definição”, a cor *morena* seria vista como potência neste contexto. A “intensificação” da cor, *mantendo o bronze para chamar a atenção*, faz parte das negociações que aqui discutimos como potentes. O manuseio de si, consequente deste desejo europeu com o homem moreno, é ferramenta em que as intersecções entre gênero, sexualidade e cor/raça são definidoras das experiências dos *escorts* aqui abordados. O afastamento do termo “preto” também é notado na fala de Pedro Baiano: *apesar de não ser totalmente preto; não sou negro raiz. É só minha pele que é mulata.*

Este afastamento se dá pelo fato do caráter negativo atribuído ao termo “preto”, como é possível vermos no trabalho de Alan Ribeiro (2010). Além disso, Paula Togni (2011), ao estudar as experiências de jovens brasileiros que migraram para o Cacém (na área metropolitana de Lisboa), também mostra como a categoria “preto” é constituída por um caráter pejorativo e muito associada a africanos ou descendentes de africanos que vivem em Portugal. O impacto do racismo, que privilegia o branco, ou o mais próximo possível do branco, interfere nas autodefinições, bem como abre brechas para estes espaços onde a indefinição da sua cor/raça promove o *escort* moreno. O *escort* moreno, macho e sensual seria personificado, no trabalho sexual em Portugal, pelos homens brasileiros.

Considerações Finais

O trabalho sexual exercido por homens (cis e trans) ainda é um campo possível a muitas análises. Aqui, interessou-nos olhar para homens cis brasileiros que fazem trabalho sexual em Portugal a partir de um site de anúncios. Há uma série de complexidades que envolvem esse “negócio” libidinal. Elencamos algumas acima que, certamente, são acentuadas por trata-se de um contexto transnacional de

interações entre “diferentes” sujeitos. Nesses processos, redes de relações de poder sustentadas por noções referentes aos marcadores sociais da diferença – gênero, sexualidade, cor/raça e nacionalidade – complexificam as observações e geram questões diversas.

A articulação de categorias de diferenciação ocorre em contextos específicos e seguem lógicas próprias nestes cenários. Isto é, as circunstâncias, em que os sujeitos brasileiros que vendem sexo se encontram, se sobrepõem à dinâmica das relações de poder em tal local. Como apresentado, o passado colonial e a ideologia da mestiçagem também dão forma às interações erótico-sexuais entre portugueses e brasileiros “sexotizados”. A constituição deste brasileiro, resultado suposto de raças diversas, concebe, em diferentes países da Europa, um discurso (que se quer potente/positivo/produtivo) acionado pelos próprios homens brasileiros no momento em que se anunciam nos sites de *escorts*.

Nestes momentos de construção discursivo-imagética sobre si em sites de anúncios, os *escorts* jogam com o imaginário que procura neles elementos de uma experiência sexual tingida por noções coloniais, racializadas e “sexotizadas” acerca de um suposto “homem brasileiro” genérico. Em contrapartida, a busca por novos clientes, com as viagens e com o “travestir-se”, por exemplo, evoca a capacidade de negociação destes sujeitos em contextos em que as possibilidades de ascensão e de sustento podem ser escassas.

Dessa forma, a partir destas afirmações, e com as discussões feitas ao longo do texto, é possível enxergarmos melhor as configurações não só dos mercados do sexo entre *escorts* brasileiros em Portugal, mas também dos processos subjetivos dos homens brasileiros trabalhadores sexuais, que são migrantes e procuram, em determinados trânsitos, atrair clientes, elevar seus ganhos e constituir-se enquanto sujeitos independentes. Assim, nossa preocupação foi aprofundar reflexões e visibilizar realidades que suscitaram poucas formulações na literatura até o momento. A transnacionalização do trabalho sexual exercido por homens cis e trans é um terreno ainda a ser explorado. Suas estratégias, suas perspectivas, seus meandros podem ajudar a matizar uma vertente analítica, até então, centrada na experiência de mulheres (cis e trans) e pessoas travestis do (ainda) chamado “terceiro mundo”.

Enviado: 24/04/2021
Aceito para publicação: 30/09/2021

Referências Bibliográficas

- AGUSTÍN, Laura. 2005. "La industria del sexo, los migrantes y la familia europea". *Cadernos Pagu*, n° 25, p. 107-128.
- ALVIM, Filipa. 2013. "Só muda a moeda": representações sobre tráfico de seres humanos e trabalho sexual em Portugal. Tese, ISCTE-IUL.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina, 2008. "Netnografia como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital". *Revista Sessões do Imaginário*, v.2, n.20, p. 34-40.
- BASTIA, Tanjia. 2011. "Migration as protest? Negotiating gender, class, and ethnicity in urban Bolivia". *Environment and Planning*, v.43, n.7, p.1514-1529
- BASTIA, Tanjia. 2014. "Intersectionality, migration and development". *Progress in development studies*. v. 14, n.3, p. 237-248
- BELIZÁRIO, Fernanda. 2018. *Travestis brasileiras no sul da Europa: subalternidade e reconhecimento nas fronteiras do gênero e sexualidade*. Tese, Universidade de Coimbra.
- BERNSTEIN, Elizabeth. 2014. "Introduction: Sexual Economies and New Regimes of Governance". Social Politics: International Studies in *Gender, State & Society*. 21(3), Oxford, pp.345-354.
- BRAGA, Gibran Teixeira. 2015. "Prazeres Incômodos: trajetórias de homens negros no universo do homoerotismo virtual". *Gênero na Amazônia*, v. 1, p.147-163.
- BRAH, Avtar. 2006. "Diferença, diversidade, diferenciação". *Cadernos Pagu*, (26), janeiro-junho de 2006, p. 239-376.
- BÜRKNER, Hans-Joachim. 2011. "Intersectionality, how gender studies might inspire the analysis of social inequality among migrants". *Population, space and place*, v.18, n.2, p. 181-195
- CABEZAS, Amalia. 2009. *Economies of Desire, Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Filadélfia: Temple University Press.
- CARMO, Isabel do; Fernanda Frágua. 1982. *Puta de prisão*. Lisboa: A regra do jogo.
- CARVALHO, Mario. 2011. "Que mulher é essa?": identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- CARVALHO, Mario. 2018. "Travesti", "mulher transexual", "homem trans" e "não binário": interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. *Cadernos Pagu*, nº 58:e185211
- CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. 2013. "Em direção a um futuro trans? Contribuições para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil". *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*. n.14, dossier n.2. p. 319-351.
- CHAPKIS, Wendy. 1997. *Live sex acts: women performing erotic labour*. London: Cassell.
- CHOW, Yiu Fai. 2011. Moving, sensing intercetionality: a case study of Miss China Europe. *Journal of Women in Culture and Society*. v.36, n. 2, p. 411-436

- CLEMENTE, Mara. 2017. Human Trafficking in Portugal: An Ethnography of Research and Data. *Studi Emigrazione. International journal of migration studies.* nº 208, p. 663-686.
- COELHO, Bernardo. 2009. *Corpo Adentro: Prostitutas Acompanhantes em Processo de Invenção de Si.* Lisboa: Difel.
- COELHO, Bernardo. 2019. *Figurações e Transfigurações: prostitutas acompanhantes e homens clientes em processo de construção de si.* Tese de Doutorado, Instituto Universitário da Lisboa.
- COLE, Jennifer. 2014. "Producing Value among Malagasy Marriage Migrants in France Managing Horizons of Expectation". *Current Anthropology*, 55(9), p.S85-S-94.
- COLE, Jennifer; THOMAS, Lynn. 2009. *Love in Africa.* Chicago: The University of Chicago Press.
- CONCEIÇÃO, Willian. 2020. *Branquitude: Dilema racial brasileiro.* Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.
- CONNEL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. 2013. "Masculinidade hegemônica: repensando o conceito". *Estudos feministas*, Vol. 21, nº 1, p. 241-282.
- CORRÊA, Mariza. 1996. "Sobre a invenção da mulata". *Cadernos Pagu*, n. 6(7), p. 35-50.
- CRENSHAW, Kimberlé. 2002. "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero". *Estudos Feministas*, Ano 10, n.1, p. 171-188.
- CRUZ, Francisco I. dos Santos. 1984. *Da prostituição na cidade de Lisboa* (1841). Lisboa: Publicação Dom Quixote.
- DUQUE, Tiago. 2016. "Com esse eu caso": homens trans, beleza e reconhecimento. In: COLLING, L. (Org.). *Dissidências sexuais e de gênero.* Salvador: Edufba. Pp. 195-216.
- DUQUE, Tiago. 2019. "Regimes de visibilidades/conhecimento nas experiências da "(des) montagem" e do "(não) passar" por homem e ou mulher". *Aceno*, Vol. 12, nº 12, p. 113-126.
- EARLS, Christopher M; DAVID, Hélène. 1989. "A psychosocial study of male prostitution". *Archives of Sexual Behavior*. v.18, p.401-419.
- ELLISON, Graham; WEITZER, Ronald. 2018. "Young men doing business: Male bar prostitution in Berlin and Prague". *Sexualities*. 21 (8), p.1389-1408
- ELLISON, Graham; WEITZER, Ronald. 2017. "The dynamics of male and female street prostitution in Manchester, England". *Men and Masculinities*. 20 (2), p.181-203.
- FONSECA, Cláudia. 1996. "A dupla carreira da mulher prostituta". *Revista Estudos Feministas*, v.4, nº 1, p. 7-33.
- FRANÇA, Thais; Padilla, Beatriz. 2018. "Imigração brasileira para Portugal: entre o surgiamento e a construção mediática de uma nova vaga". *Cadernos de Estudos Sociais*. 33 (2), p. 207-237

- GONZALEZ, Lélia. 2011. "Por um feminismo Afro-latino-Americano". In: *Afro-Latino-América: Caderno de Formação Política*, p. 12-20.
- GUIMARÃES, Antonio S. 2011. "A Raça, cor, cor da pele e etnia". *Cadernos de campo*, n° 20, p. 265-271.
- HEILBORN, Maria Luiza. 1996. "Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social." In. PARKER, R.; BARBOSA, R. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Pp.136-145.
- KAYE, Kerwin. 2007. "Sex and the unspoken in male street prostitution". *Journal of Homosexuality*. 53 (1-2), p. 37-73
- KEMPADOO, Kamala. 2000. Gender, race and sex: exoticism in the Caribbean. *Paper presented to the International Symposium "O desafio da diferença: articulando gênero, raça e classe"*. Salvador, mimeo.
- KIMMEL, Michael. 1998. "A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas". *Horizontes Antropológicos*, n° 9, p. 109-117.
- KOZINETS, Robert. 2014. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso.
- KYRILLOS, Gabriela M. 2020. "Uma análise crítica sobre os antecedentes da intersecionalidade". *Estudos Feministas*, Florianópolis, Vol. 28, n° 1, p. 1-15.
- LOPES, Tatiana; PASSAMANI, Guilherme; ROSA, Marcelo V. 2019. Prostituição masculina no Brasil: o panorama da produção teórica desde "O negócio do michê". In: OLIVEIRA, T. (Org.). *Homens no mercado do sexo: reflexões sobre agentes, espaços e políticas*. Bahia: Editora Devires. Pp. 19-52.
- LUÍS, Francisco. 2015. Travestis Brasileiras em Portugal: Percursos, Identidades e Ambiguidades. Tese de Doutorado, Universidade Nova de Lisboa.
- MACHADO, Igor José Renó. 2004. "Imigrantes brasileiros no Porto: Aproximação à perenidade de ordens raciais e coloniais portuguesas". *Lusotopie*, 11 (1), p. 121-140.
- MACHADO, Igor José Renó. 2008. "Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira". *Revista de Antropologia*, v. 51, n° 2, p. 699-733.
- MACHADO, Igor José Renó. 2014. "O futuro do passado: imigrantes brasileiros em Portugal e diferentes entrelaçamentos". *REMHU*, v.22, n.43, p. 225-264.
- MAI, Nicola. 2014. "Surfing liquid modernity: Albanian and Romanian male sex workers in Europe". In: AGGLETON, P; PARKER, R. *Men Who Sell Sex: Global Perspectives*. Pp. 27-41
- MAI, Nicola.; King, Russel. 2009. "Love, sexuality and migration: mapping the issues". *Mobilities* 4 (3), p.295-307
- MANITA, Celina.; OLIVEIRA, Alexandra. 2002. *Estudo de caracterização da prostituição de rua no Porto e Matosinhos*. Porto: CIDM.
- MÅRDH, Per-Anders; GENÇ, Mehmet. 1995. "Migratory prostitution with Emphasis on Europe". *Journal of Travel Medicine*, 2(1), p. 28-32
- MELO, Mariana. 2015. *Masculinizar o trabalho sexual: percepções e vivências de traba-*

- lhadores do sexo homens acerca do comércio de sexo entre homens. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto.
- MISKOLCI, Richard. 2014. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas – Estudos Gays, Gênero e Sexualidades*, v.8 nº 11, p. 51-78.
- MOUTINHO, Laura. 2006. “Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro”. *Estudos Feministas*, v. 14, nº 1, p. 103-116.
- MUNANGA, Kabengele. 2004. “A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Entrevista concedida a: Alfredo Bosi e Dario Luis Borelli”. *Estudos Avançados*, v. 18, nº 50, p. 51-56.
- NAGEL, Joane. 2000. “Ethnicity and Sexuality”. *Annual Reviews Sociology*, Vol. 26, p. 107-133.
- NAROTZKY, Susana; BESNIER, Niko. 2014. “Crisis, Value, and Hope: Rethinking the Economy: An Introduction to Supplement 9”. *Current Anthropology*, v. 55, n.9, p. 4-16.
- NASCIMENTO, Abdias. 1978. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editor Paz e Terra.
- NOVELI, Marcelo. 2010. “Do off-line para o on-line: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a Internet?” *Metodista*, v. 6, nº 12, p. 107-133.
- OLIVEIRA, Alexandra. 2004. *As vendedoras de ilusões: estudo sobre prostituição, alterne e striptease*. Lisboa: Editorial Notícias.
- OLIVEIRA, Alexandra. 2011. *Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reacção Social*. Coimbra: Almedina.
- OLIVEIRA, Alexandra. 2013. *Da prostituição de apartamento na cidade de Lisboa: Características e significados*. Porto: GAT.
- OLIVEIRA, Ana. 2020. “Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil”. *Interritórios*, v.6, n.10, p. 90-104.
- PARREIRAS, Carolina. 2011. ““Não leve o virtual tão a sério”? – uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no on-line”. In: FERIANI, D. M; CUNHA, F. M; DULLEY, I (Org.). *Etnografia, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico*. São Paulo: Annablume. Pp. 43-58.
- PASSAMANI, Guilherme. 2017. ““É ajuda, não é prostituição”. Sexualidade, envelhecimento e afeto entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal de Mato Grosso do Sul”. *Cadernos Pagu*, n. 51, e175109.
- PASSAMANI, Guilherme. 2018. *Batalha de Confete: envelhecimento, condutas homossexuais e regimes de visibilidade no Pantanal-MS*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.
- PASSAMANI, Guilherme, ROSA, Marcelo Victor da; LOPES, Tatiana. 2020. “Sutilezas e “escadas da moralidade” nas saunas de Campo Grande-MS”. *Estudos Feministas*, v. 28, nº 1, e57896.

- PELÚCIO, Larissa. 2011a. “Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à Aids”. *Saúde e sociedade*, v.20, n.1, p.76-85.
- PELÚCIO, Larissa. 2011b. “Desejos, brasilitudes e segredos: o negócio do sexo na relação entre clientela espanhola e travestis brasileiras”. *Bagoas – Estudos Gays, Gênero e Sexualidades*, v. 10, n. 6, p. 243-266.
- PEREIRA, Henrique. 2008. “Homens que vendem sexo em Portugal”. Comunicação apresentada no VI Congresso Português de *Sociologia*, Lisboa, Portugal. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/795.pdf> Acesso: 31 out 2021.
- PERLONGHER, Néstor. 1987. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense.
- PESSOA, Emerson. 2020. *Encarnando a europeia: biografias corporais, (i)mobilidades e subjetividades de trabalhadoras do sexo trans e travestis em Lisboa*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- PINHO, Osmundo. 2012. “Race fucker: representações raciais na pornografia gay”. *Cadernos Pagu*, v. 38, janeiro-junho, p. 159-195.
- PISCITELLI, Adriana. 2002. “Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo”. *Cadernos Pagu*, v. 19, p. 195-231.
- PISCITELLI, Adriana. 2008. “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. *Sociedade e Cultura*, v. 11, nº 2, p. 263-274.
- PISCITELLI, Adriana. 2009. ““Buenos Aires, qué ciudad más acogedora”. Racialización y sexualización de sudamericanas en sites destinados a turistas sexuales”. *Nomadias*, n. 10, p. 15-37.
- PISCITELLI, Adriana. 2011. “¿Actuar la brasileñidad? Tránsitos a partir del mercado del sexo”. *Etnográfica*, v.15, nº 2, p. 5-29.
- PISCITELLI, Adriana. 2013. *Trânsitos: Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- PISCITELLI, Adriana. 2016. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais. *Cadernos Pagu*, v. 47, e16475.
- PRECIADO, Paul Beatriz. 2019a. “Prótese, mon amour”. *Periódicus*, v. 1, n. 12, p. 506-514.
- PRECIADO, Paul Beatriz. 2019b. O que é contrassexualidade?” In: HOLLANDA, He-loisa Buarque. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. Pp. 411-420.
- RAGO, Margareth. 2008. “O corpo exótico, espetáculo da diferença”. *Labrys Estudos Feministas*, s/p. Disponível via: <https://www.labrys.net.br/labrys13/perspectivas/marga.htm> Acesso: 31 out. 2021.
- RAMALHO, Nelson. 2019. “*Virar Travesti*”: trajetórias de vida, prostituição e vulnerabilidade Social. Tese de Doutorado, Instituto Universitário de Lisboa.
- RAMALHO, Nélson. VAZ, Alexandre. 2016. “Quem são os clientes das travestis trabalhadoras do sexo em Portugal? Breve caracterização dos T-LOVERS”. Comuni-

cação apresentada no *IX Congresso Português de Sociologia: Portugal, território de territórios*. Lisboa, Portugal, s/p. Disponível via: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/23135> Acesso: 31 out 2021.

RIAL, Carmem. 2004. “Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação”. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, n. 1, p. 4-64

RIBEIRO, Manuela; SILVA, Manuel; SCHOUTEN, Johoanna; RIBEIRO, Fernando; SACRAMENTO, Octávio. 2008. *Vidas na Raia: Prostituição Feminina em Regiões de Fronteira*. Porto: Afrontamento.

RIBEIRO, Alan. 2010. “No meio e misturado”: o moreno como identificação de cor entre estudantes de uma escola pública. *Conjectura*, v. 15, nº 1, p. 67-77.

SACRAMENTO, Octávio; ALVIM, Filipa. 2016. “De emigrantes a vítimas de tráfico: mobilidades e prostituição no espaço transatlântico”. *Revista Antropológica*, nº 41, p. 357-389.

SAID, Edward. 1996. *Orientalismo*: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras.

SANTOS, Élcio N; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. 2016. “Amores e vapores; sauna, raça e prostituição viril em São Paulo”. *Estudos Feministas*, v. 24, nº 1, p. 133-154.

SCHAPER, Ulrike; BELJAN, Magdalena; EITLER, Pascal; EWING, Christopher; GAMMERL, Benno. 2020. “Sexotic: the interplay between sexualization and exoticization”. *Sexualities*, v. 23, n1-2, p.114-126

SHWARCZ, Lilia M. 2012. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma.

SILVA, Ana Paula; BLANCHETTE, Thaddeus. 2005. ““Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana”. *Cadernos Pagu*, v. 25, p. 249-280.

SIMMEL, Georg. 2001. *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes.

SOVIK, Liv. 2009. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano.

STOLKE, Verena. 2006. “O enigma das intersecções: classe, ‘raça’, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX”. *Estudos Feministas*, v. 14, nº 1, p. 15-42.

THIMM, Viola, CHAUDHURI, Mayurakshi. 2019. “Migration as mobility: An intersectional approach”. *Applied Mobilities*, p.1-16.

TOGNI, Paula. 2011. “Que “brasileiras/os” Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo”. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G.; OLIVAR, J. M. (Org.). *Gênero Sexo e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp/Pagu. Pp. 385-434.

VIGOYA, Mara Viveros. 2008. “La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidade em el contexto latino-americano actual”. In: CAREAGA, G. (Org.). *Memorias del 1er encuentro latino-americano y del caribe: la sexualidade frente a la sociedade*. México. Pp.168-198

- VENCATTO, Ana Paula. 2003. “Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros”. *Cad AEL*, v. 10, n. 18/19, p. 189-213.
- WEITZER, Ronald. 2000. *Sex for sale: Prostitution, pornography and the sex industry*. New York: Routledge.